

INFÂNCIAS, TRADIÇÕES ANCESTRAIS E CULTURA AMBIENTAL

Léa Tiriba – UNIRIO
Apresentação do grupo

O grupo de pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental – GiTaKa UniRio - investiga processos de produção de práticas educativas ecológicas, num contexto em que as relações entre sistemas naturais e sistemas culturais estão em desequilíbrio. Orientado pela utopia de desmantelamento do modelo de desenvolvimento capitalista-urbano-industrial-patricarcal, visa a emergência de visões de mundo que valorizem o cuidado de si (ecologia pessoal); o cuidado do coletivo (ecologia social); e o cuidado da natureza (ecologia ambiental). Frente à necessidade de superação do paradigma cartesiano, como condição para a tessitura de uma nova cultura ambiental, quer identificar e alimentar práticas educativas que reinventem os caminhos de conhecer e digam não ao consumismo e ao desperdício, reintegrando seres humanos e natureza, corpo e mente, razão e emoção, conhecimento e vida. Articulando ações de pesquisa, extensão e ensino coerentes com esta perspectiva, nos últimos dois anos, o GiTaka vem se dedicando a criar, experimentar e sistematizar metodologias teórico-brincantes-cantantes-dançantes-naturantes em cursos de graduação e especialização de professores de Educação Infantil. Em função da amplitude da temática investigada, este trabalho se dá em interface com os campos da Educação Ambiental, da Educação Popular e da Educação Escolar Indígena.

DANÇAS POPULARES BRASILEIRAS E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM BOM ENCONTRO

**André Grabois
Igor Siqueira
Léa Tiriba**

O presente artigo é parte de uma pesquisa interdisciplinar sobre metodologias lúdicas, artísticas, ecológicas e corporais que possam enriquecer e humanizar o cotidiano escolar infantil, conectando corpo, cultura e meio-ambiente. Descrevemos aqui o processo de compartilhamento de uma metodologia específica: a prática das danças populares brasileiras, em forma de oficina ministrada no âmbito do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (MEC/UNIRIO), no primeiro semestre de 2014.

Compreendendo o campo da Formação Continuada de Professores como um foco estratégico para a implementação de mudanças e inovações curriculares, temos como objetivo principal valorizar as manifestações culturais brasileiras como lugares de fruição. Queremos inseri-las nas práticas cotidianas escolares como elementos qualificadores da existência, na medida em que favorecem a liberdade de movimentos, a criatividade, a alegria, a vontade de viver. Apresentamos cronologicamente três etapas da prática: em primeiro lugar, a intencionalidade pedagógica de tal vivência corporal e musical no tempo e no espaço, embasada pela legislação nacional das diretrizes e referenciais curriculares para a educação infantil e pela filosofia dos afetos e da imanência de Espinosa e Nietzsche; em segundo lugar, a contextualização sociocultural dos ritmos e matrizes abordados e uma descrição do percurso prático da oficina propriamente dito, dialogando com técnicas de educação somática como o Método Angel Vianna de Conscientização pelo Movimento; por último, o registro do momento de partilha verbal, em roda, sobre a experiência da dança, que gerou duas séries de reflexões: uma acerca de conteúdos técnicos, coreográficos e musicais relacionando os duplos tradição/transformação, sacro/profano, rural/urbano e local/global na cultura brasileira e outra sobre diversidade cultural e religiosa e a importância do cultivo da tolerância e do respeito à alteridade por parte dos educadores, para que estes possam de fato educar pelo exemplo e ser agentes de mudança e libertação. Dialogamos, a partir de Espinosa, com o conceito de conatus e sua expansão, nomeada de bom encontro pelo filósofo holandês, que encontra correspondência com o conceito de vontade de potência, em Nietzsche. Do trabalho de Angel Vianna, valorizamos a importância que ela dá à percepção do peso do corpo para uma experiência de consciência e integração através do movimento: a partir do despertar das sensações dos apoios do corpo, do volume que este ocupa no espaço e de sua relação com a gravidade para a construção da verticalidade, pode-se experimentar um gesto dançado liberador de tensões profundas, um gesto que promove harmonia para quem o faz, e que se permite expressar no espaço e em relação: expressão e relação essas que constituem essencialmente o convite que as danças populares brasileiras fazem o tempo inteiro, em sua atitude brincante e lúdica, cheia de ginga. Concluímos, a partir da convivência em sala de aula e dos depoimentos em que as educadoras que fizeram as oficinas expressam suas reflexões, que as danças têm o quase unânime efeito de expandir o conatus, ou seja, geram um aumento da vitalidade, da potência de agir do ser, plasmando-se na consciência muscular e afetiva enquanto um bom encontro, uma afirmação da vida através de uma experiência de prazer e alegria. Estas qualidades contribuem para a verificação do potencial transformador da dança enquanto prática possível e recomendada para a rotina e o ambiente escolares de formação de nossas crianças.

Palavras Chaves: danças populares brasileiras; bons encontros; educação infantil.

FORMAÇÃO DO EDUCADOR - O CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Adrienne Ogeda
Nuelna Vieira**

Atuamos na formação de educadores há muitos anos e o desafio que nos move é encontrar meios de ampliarmos naqueles que convivem diariamente no ambiente escolar, educadores e crianças, a escuta, o olhar, as possibilidades de cada um e do grupo. Nos propomos a esse desafio, pois entendemos aprendizagem como um ato de transformação, de trocas, no qual agregamos valores e alteramos nossa forma de ser e pensar.

Um caminho que reconhecemos como favorável a essa ideia de aprendizagem é uma formação do educador sensível as formas de ser da criança de 0 a seis anos de idade. Assim, propomos um olhar para as linguagens mais presentes na Educação Infantil e encontramos no corpo com suas possibilidades de expressão e relação um lugar para qualificarmos as práticas cotidianas entre educadores e crianças. Como bem nos coloca Vianna, “O corpo é um meio de expressão, não um meio de atuar automático. O trabalho corporal desenvolve a sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a comunicação” (VIANNA, 1998, p.11-12. IN RESENDE 2013). Expressar, imaginar, criar e comunicar acontece nos primeiros seis anos de vida. Esses aspectos, ao mesmo tempo, são ferramentas para estarmos no mundo e um modo de construirmos, elaborarmos as ideias e emoções. Assim, entendemos que as habilidades do educador em afetar e ser afetado, assim como seus saberes sobre sua respiração, eixo-corporal, são primordiais, pois revelam um modo de estar com o outro, uma possibilidade de escutar e perceber o outro, estimulando tais aspectos descritos acima.

Sabemos que nas interações escolares o corpo é um canal de contato, entre o individual e grupo, o outro, o espaço, os materiais enfim, as relações que estabelecemos nas nossas práticas diárias.

Nesse percurso de formação temos como desafio: aprimorar o corpo do educador, tornando-o mais sensível a escuta, o olhar, tato, movimento, enfim, a própria estrutura corporal que nos habilita a estar nas relações, no mundo estabelecendo contatos com diversas pessoas, saberes e modos de ser; conhecer técnicas corporais que possibilite maior conhecimento de si; compreender as conexões entre consciência de si (consciência corporal) e aprendizagem, desenvolvimento, relacionamento; aguçar nos educadores uma vontade de cuidar de si, reconhecendo nas suas práticas cotidianas suas marcas e valores.

Convidamos os educadores a aproximarem de um corpo sensível. Uma tentativa de aproximarmos das sensações, sentimentos e ações. É comum falarmos sobre as crianças, sobre a infância e sobre o educador. Queremos instigar o educador a falar de si, do que sente, quer e pensa. Pois como bem nos provoca Vianna, entendemos que “Nossa história se inscreve em nosso corpo e os movimentos são reflexos de emoções e sentimentos” (VIANNA, 1998, p.11-12. IN RESENDE, 2013). Assim, no processo de formação há uma necessidade de que o educador se sinta implicado e pertencente as suas questões e necessidades.

Dessa forma, buscamos uma formação ocupada do que nos torna mais humano, as sensações, percepções e emoções. Buscamos um corpo que conte suas histórias e que esteja disponível a viver tantas outras no dia a dia da escola.

Palavras chave: Educação Infantil; Formação de professores; Corpo.

FINAFLOR – FÓRUM INFÂNCIAS E ESCOLAS DA NATUREZA UM ESPAÇO DE REFLEXÃO COLETIVA

Léa Tiriba
Priscila Basílio

Este artigo tem o objetivo de compartilhar as experiências de intervenção do Grupo de Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental – GiTaKa – da UNIRIO, em especial as atividades do Fórum Infâncias e Escolas da Natureza (FINAflor). O texto descreve a trajetória deste Fórum como espaço de debate de práticas educativas sustentáveis. Isto é, de práticas que qualificam as três ecologias (Guattari, 1990) e tenham como fundamento a proposta dialógica de Paulo Freire em contrapartida a este modelo. Como membros de um grupo que pesquisa processos de produção de alternativas, buscamos conceitos e práticas inovadoras que nos permitam compreender, fraturar e reinventar um modo de funcionamento escolar que hipervaloriza os processos racionais, abre pouco espaço para relações com a natureza, se distancia do humano em sua condição animal, não qualifica os caminhos da imaginação e da criação e contribui para a formação de corpos dóceis.

Considerando que desde a mais tenra infância, as crianças são inseridas na lógica dominante - se não forem repensados em sua estrutura espacial, metodológica, curricular – as escolas permanecerão como ambientes onde esta lógica de produção se naturaliza e é reproduzida. Na contramão desta perspectiva, é fundamental oferecer, nos espaços escolares e na formação dos profissionais da educação, condições para que os relacionamentos aconteçam, para que as manifestações corporais sejam permitidas, para que a imaginação e a ação sejam instigadas pelo que nos convida. O FINAflor é um espaço de difusão de experiências marcadas por estes compromissos. A forma de vida que o sistema capitalista tenta impor aos povos do planeta fragiliza as relações sociais e desvirtua a percepção de que somos seres da natureza, de que também a constituímos. Disseminado pelo processo de globalização da economia e da cultura, este sistema promove, nos espaços da cidade, das escolas, da vida cotidiana, a banalização de tudo que impede a perfeita relação entre a produção e o lucro. O Fórum visa a apropriação/arranjo de novas perspectivas epistemológicas e metodológicas que nos orientem em relação aos objetivos de religar seres humanos e natureza, reinventar os caminhos de conhecer e dizer não ao consumismo e ao desperdício. Estes são desafios fundamentais, num momento em que precisamos ensinar às novas gerações não mais os saberes necessários à reprodução da sociedade industrial, mas a produção de uma nova sociedade sustentável. Comprometidos com a tecitura de novas relações dos seres humanos entre si e com a natureza, apostamos em caminhos de construção de uma educação contra a barbárie, e nos propomos a incentivar a criação, o registro e a difusão de práticas educativas que tenham uma perspectiva de humanização, articulação solidária, político-afetiva, libertária, ecológica. Iniciativas sustentáveis que se expressam em macro e micro movimentos de religar seres humanos e natureza, dizer não ao antropocentrismo, ao racionalismo, ao individualismo e ao consumismo. O

movimento de socializar no Fórum nossas experiências concretas tem o sentido de refletir sobre o que fazemos: queremos compreender os fundamentos e conhecer os modos, os caminhos, as metodologias através das quais elas se materializam, assim como dificuldades, êxitos, contradições e potências. Queremos aprender com as práticas educativas que convidam ao calor das relações humanas, à quebra da ditadura da mente sobre o corpo, ao acolhimento e à expressão de sentimentos, ao contato e à preservação da natureza, à brincadeira, à partilha, ao encontro.

Palavras-chave: formação de professores; práticas sustentáveis; escolas.